

RENAMO SEM PRESSA EM PÔR TERMO À GUERRA

Espingardas automáticas contra arcos e setas e lanças contra granadas de mão. Apesar disto, habitantes da província de Nampula conseguiram fazer frente a guerrilheiros da RENAMO, no fim do passado mês de Julho. Pagaram com a vida a sua coragem. Os rebeldes, que perderam alguns homens na luta, conquistaram as localidades e executaram sumariamente os responsáveis.

É com este tipo de homens que o presidente Joaquim Chissano tem de negociar para estabelecer a paz em Moçambique. Discutir com a Resistência Nacional Moçambicana é muito melhor do que lutar contra eles, como Chissano pôde verificar.

A sétima ronda de conversações devia ter recomeçado ainda este mês de Agosto. A sexta ronda decorreu em Maio passado e perderam-se três semanas com questões de somenos importância. Depois de algumas semanas perdidas nessas dis-

cussões estéreis, os rebeldes chegaram à conclusão de que necessitavam de mais algum tempo para «refletir».

Chissano procura afastar qualquer problema nas negociações e tenta prever as barreiras que a RENAMO possa levantar na mesa das negociações. Três dessas barreiras foram eliminadas pelo parlamento moçambicano, graças aos diligentes esforços do presidente, desejoso de acelerar a transição para a democracia.

O primeiro desses passos foi tornar mais fácil a formação de novos partidos políticos. Entre as alterações introduzidas pelo parlamento contam-se a abolição do sistema de partido único e a eliminação do marxismo como teoria guiadora do estado. Em Maio, o Partido Liberal e Democrático realizou o seu primeiro congresso, escolheu os seus líderes e estabeleceu a sua plataforma política.

Depois de ver o que foi preciso para a formação deste partido,



Guerrilheiros da RENAMO: com eles, é melhor discutir do que lutar

Chissano, através de novas leis, tornou ainda mais fácil a criação de novos partidos. Agora basta ter 100 membros em cada uma das onze províncias de Moçambique para se poder criar um partido. Esta decisão limitou as exigências da RENAMO sobre reformas políticas.

Por outro lado, a RENAMO asseverou em Roma que não poderá fazer ouvir a sua mensa-

gem, à população moçambicana, porque a FRELIMO controla todos os meios de comunicação social, além de continuarem a existir as velhas regras de autocensura. Chissano agiu de imediato e levou o parlamento a aprovar uma lei sobre a liberdade de imprensa, permitindo aos privados a posse de meios de comunicação. Também anulou as leis que concediam aos minis-

tros e outros altos funcionários a deter os jornalistas sem culpa formada e obrigavam os repórteres a revelar as suas fontes de informação.

A terceira medida do presidente Chuissano no caminho para a democracia foi a redução dos poderes da polícia secreta. A temida SNASP passou a ter um novo nome e um novo código de conduta e a polícia secreta

agora dedice apenas a colher informações e à contra-espionagem. Deixou de ter poderes para prender, julgar e deter suspeitos nos campos de reeducação marxistas

As novas leis eliminam esses poderes e locais e colocam o serviço na dependência de civis e não de nomeados pelo partido.

Estas decisões eliminam as razões de luta da RENAMO, mas não põem termo à guerra civil. Com o desaparecimento da assistência militar soviética, Moçambique depende hoje de três países para refazer o seu exército. O primeiro é o Zimbábue que mantém cerca de sete mil homens no país, para proteger o caminho de ferro Beira-Umtali, o segundo são os Estados Unidos, que estão a treinar oficiais e técnicos moçambicanos, e o terceiro é a Grã-Bretanha, que mantém um campo de treino militar no Zimbábue para militares moçambicanos.

Apesar destas ajudas, o exército, como Chissano e o resto da população, está cansado de lutar. Dezasseis anos de guerra civil já custaram ao país quase um milhão de vidas e mais de três milhões de desalojados. A economia atingiu o fundo do poço. Estas são as principais razões que têm levado o presidente Joaquim Chissano a fazer tudo para eliminar o que possa impedir a realização de uma paz negociada com a RENAMO, mas como afirmou um dirigente rebelde em Roma, «a Resistência não tem pressa».